

BIBLIOTHECA ALEXANDRINA

Eliane Serrão Alves Mey

Resumo

A Biblioteca de Alexandria, durante seis séculos, foi o centro cultural do mundo. Reuniu sábios, das mais diferentes procedências, que nela desenvolveram trabalhos e pesquisas de importância fundamental para o conhecimento. Bibliotecários eruditos tornaram acessível ao mundo ocidental obras de toda origem. Calímaco criou uma forma de organização do conhecimento registrado, cuja influência perpassou outras bibliotecas antigas e bibliotecas medievais, chegando até nossos dias. A etimologia de palavras utilizadas na Antigüidade explica seu uso contemporâneo na representação bibliográfica. A destruição da antiga Biblioteca se reveste de lendas, de origens diversas, inclusive aquelas historicamente preconceituosas. Conclui-se com um relato sumário sobre a revivescência e as principais características da nova Bibliotheca Alexandrina, estabelecendo um paralelo entre a antiga Biblioteca e a nova, como símbolos de conhecimento e coexistência entre diferentes seres humanos e suas perspectivas.

Palavras-chave

Biblioteca de Alexandria; Catálogo.

THE BIBLIOTHECA ALEXANDRINA**Abstract**

The Alexandrian Library has been the cultural center of the world for six centuries. It congregated scholars, from different origins, that developed works and researches of fundamental importance for knowledge. The learned librarians made accessible the works from many sources to the western world. Callimachus created a kind of organization for registered knowledge, which influenced ancient and medieval libraries, until our days. The etymology of words used in Antiquity explains their contemporary use in bibliographic representation. The destruction of the ancient Library is involved by legends of all kinds, including ones of preconceived historical statements. A brief report about the revival and the main characteristics of the new Bibliotheca Alexandrina establishes a parallel between the ancient and the new one, as symbols of knowledge and coexistence between different human beings and their views.

Keywords

Bibliotheca Alexandrina; Catalogue.

“Oh! senhor, todas as cidades devem ser declaradas abertas, mas parece que a mente humana não sabe ao certo por que motivo fundou as cidades. Para bombardeá-las?” (ANDRADE, 196-?)

Este trabalho, reunindo sinteticamente fatos históricos de diversas fontes, deriva-se de uma apresentação oral, realizada durante a I Jornada Transdisciplinar de Leitura, acontecida na UNESP/Araraquara-SP, em 2003, como parte das atividades do Grupo de Pesquisa em História da Leitura, dos Livros e das Bibliotecas.

A apresentação se deu logo após a invasão anglo-americana ao Iraque (a de 2003) e a inauguração da moderna Biblioteca de Alexandria, ou a revivescência da Biblioteca, em 16 de outubro de 2002; eventos conflitantes, cronologicamente tão próximos: de um lado, a barbárie; de outro, a tentativa de renascimento simbólico da civilização.

1 POR QUE ALEXANDRIA?

Alexandria, porto de grande importância do Egito, por sua localização estratégica, situa-se na convergência entre o Oriente e o Ocidente, entre o Norte e o Sul. Hoje, quer também significar a convergência entre o passado e o presente da história egípcia.



Figura 1: Alexandria no mapa do Egito Antigo
Fonte: Academia de Ciências Luventicus

Voltando-se no tempo, cerca de 297 a.C., Demétrio de Falera refugiou-se em Alexandria, junto a Ptolomeu I.

A morte de Alexandre da Macedônia ocasionara a divisão dos reinos conquistados, entre seus generais. A Ptolomeu I, ou Ptolomeu Sóter, coube o reino do Egito, inaugurando a dinastia ptolomaica. Aristóteles havia sido preceptor de Alexandre, Demétrio e Teofrasto. Ptolomeu I convida Teofrasto a ser preceptor de seu filho e esse indica Demétrio em seu lugar. Assim, Demétrio, obrigado por sua atuação política a fugir de Atenas, achando-se em completo ostracismo em Tebas, segue para Alexandria. Lá, convence o rei Ptolomeu I a criar um *Mouseion*, isto é, Casa das Musas, ou Academia. Segundo Canfora (1996, p. 21), Demétrio

Levou ao Egito o modelo aristotélico, e esta foi a chave de seu sucesso. Esse modelo, que havia colocado o Perípatos [aristotelismo] na vanguarda da ciência ocidental, era agora adotado em grande estilo e sob proteção real em Alexandria.

Parece que Demétrio fez ver a Ptolomeu que este seria um governante mais estável e melhor se conhecesse os povos por ele governados e se conhecesse as obras sobre o “exercício do mando” (CANFORA, 1996 p. 22). Enfim, a partir da reunião e leitura de textos dos povos, sobre os povos e sobre governo, Ptolomeu poderia erigir um reino mais duradouro, o que na verdade ocorreu, pois sua dinastia permanece, de 323 a.C., até cerca de 30 a.C. A influência de Demétrio não dura tanto. Novamente afastado do poder, por seu discípulo Ptolomeu II (Ptolomeu Filadelfo), foi posteriormente assassinado. Mas sua obra ficou na memória dos antigos e em nossa herança cultural, mesmo que um tanto fantasiada.

Carl Sagan, em seu seriado televisivo “Cosmos”, declarou que, se não se incendiasse a Biblioteca de Alexandria, os homens teriam chegado à lua no século XV. Exageros à parte, não há dúvidas sobre a importância daquele centro de pesquisa, para o conhecimento e para a humanidade de modo geral.

Cabe aqui um parêntese sobre a palavra “Biblioteca”. De origem grega, através do latim, formada pelos termos “biblion” e “teca” - geralmente traduzidos como “livro” e “depósito” ou “lugar de guarda” - conduz a um princípio equivocado. A Biblioteconomia, em consequência, seria a coleta, organização e disseminação de livros. Muitos se perguntam se a mudança de termos acarretaria mudança na imagem da profissão, não a vinculando necessariamente a livros. No entanto, a palavra grega “biblion” não se poderia referir a

livros, uma vez que eles eram inexistentes para os gregos antigos; havia apenas rolos de papiro. O papiro, este sim, vinha da cidade fenícia de Biblos (hoje no Líbano), o que nominou o tipo de suporte em grego. Portanto, qualquer ligação entre o suporte e a profissão não se dá através da etimologia, mas através da própria imagem que se dá a nossas bibliotecas.

2 ALGUNS FATOS E INFORMAÇÕES

Existe uma diferença crucial entre *atos*, *dados*, *informações* e *conhecimento*. Transmitimos informações, de interesse ou não ao ouvinte, passíveis ou não de entendimento. Por outro lado, o conhecer denota, não somente a apreensão, mas o completo discernimento e a capacidade de transformar o informado em algo significativo, no contexto e dentro das limitações do ouvinte. Nós, bibliotecários, organizamos, representamos e disseminamos conhecimento registrado, mesmo que virtual, por meio de informações sintéticas, representativas do conhecimento. Produzimos conhecimento, apenas dentro de nossa área específica de atuação. Portanto, aqui, devido a minhas próprias limitações, restrinjo-me à enumeração de fatos, dados, sem pretender gerar novo conhecimento.

Especialmente durante o reinado dos três primeiros Ptolomeus, Alexandria chega ao ponto máximo, tornando-se na verdade o centro cultural do mundo. Jacob (2000, p. 47) explica o interesse da nova dinastia pela criação e conservação de tal biblioteca:

Os ganhos políticos e simbólicos são múltiplos. Nessa terra do Egito onde, segundo Platão, um deus inventou a escrita quando a civilização helênica estava na infância, os novos soberanos querem afirmar a primazia da língua e da cultura gregas, dotar sua capital com uma memória e raízes artificiais, compensar sua marginalidade geográfica por uma centralidade simbólica: toda a memória do mundo numa cidade nova, a oeste do delta do Nilo, uma cidade de imigrados, de colonos, de militares e de aventureiros, de gregos, de judeus, de núbios e de egípcios.

Estudiosos, sábios, artistas encaminhavam-se para lá, ou lá estudavam. Inúmeros avanços do conhecimento se deram naquele “centro de excelência”, em gramática, matemática, astronomia, geometria, mecânica e medicina. Citam-se, entre os grandes nomes que lá

estiveram e trabalharam: Eratóstenes, Aristarco, Hiparco de Bitínia, Euclides, Apolônio, Arquimedes, Heron, Herófilo, Erístrato, Hipácia - mulher sábia, astrônoma e matemática, cujo assassinato em 415 d.C. marca o fim da era científica de Alexandria, na Antigüidade. Diz-se que o evangelista Lucas (Lucano), antes de sua conversão, morou em Alexandria, onde estudou medicina.



Figura 2: Euclides
Fonte: Academia de Ciencias Luventicus

Quanto aos números, existem interpretações variadas, uma vez que não há dados exatos e as fontes divergem. Alega-se que, em seu apogeu, chegou a ter 700.000 rolos, os quais não correspondem, logicamente, a 700.000 obras, mas a um número bem menor. Segundo Canfora (1996, p.171), diferentes autores citam entre 400.000 e 90.000; porém, Canfora faz a distinção entre “rolo” e “obra”, pela origem do termo grego. Assim, Alexandria teria possuído 400.000 rolos, correspondendo a 90.000 obras. E foram duas as bibliotecas: a maior, localizada no Museu, e outra, posterior, quando a primeira já não era suficiente, denominada *Serapeum*, pois situava-se no templo do deus Serápis, no distrito sul da cidade. O *Serapeum* guardava cerca de 40.000 rolos.

As obras se adquiriam de formas variadas. A mais interessante constituía-se na cópia de todos os livros encontrados nos navios que aportavam em Alexandria: revistava-se o navio, os livros eram levados à Biblioteca, copiados, e então devolvidos para que o navio partisse. Quanto às obras sagradas judaicas, Ptolomeu I as fez traduzir por um grupo de setenta e dois sábios, trazidos de Jerusalém, que levaram setenta e dois dias para concluir seu trabalho (CANFORA, 1996). Foi a primeira tradução do Antigo Testamento, do hebraico para o grego.

Ptolomeu III mandou cartas aos soberanos do mundo, solicitando-lhes livros, por empréstimo, para que fossem copiados. O único fato marcante, neste primeiro “empréstimo entre bibliotecas”: nem sempre os originais eram devolvidos, mas as cópias...

Supõe-se que houvesse, ao mesmo tempo, cerca de trinta a cinquenta estudiosos trabalhando no Museu, o que levou Timão, filósofo céptico, a denominá-lo “Gaiola das Musas” (CANFORA, 1996, p. 39): “Na populosa terra do Egito, são criados uns garatujadores livrescos que se bicam eternamente na gaiola das Musas”. O que se pode dizer sobre excentricidades, rivalidades, discordâncias, quando se reúnem dezenas de pessoas, sábias ou não tão sábias, vivendo em conjunto? Apenas que são humanos e em nada diferem dos centros acadêmicos da atualidade. Apesar de tudo, a ciência progrediu e progride, e não se pode exigir que as pessoas se despojem de suas naturezas, de seus problemas, de suas formações e de suas crenças, “só” porque entram em um recinto de saber. Não nos despimos de nossas características como trocamos de roupa; não as deixamos em casa quando saímos à rua. O fator subjetivo mostra-se em todas as pesquisas, em todos os escritos, em todos os relacionamentos pessoais; a única maneira de minimizá-lo é reconhecê-lo. Portanto, a sátira, embora hilária, não é mais do que o reconhecimento de que em Alexandria trabalhavam pessoas, que muito contribuíram para o conhecimento universal. Tais pessoas puderam estudar, pesquisar e desenvolver o conhecimento, graças à maior característica de Alexandria: a tolerância, a aceitação dos diferentes. Sábios das mais diversas origens: raciais, étnicas, pátrias, religiosas, filosóficas, puderam-se reunir e viver em paz, conviver e crescer. Alexandria se fez grande pela transigência.

3 BIBLIOTECÁRIOS

Na Biblioteca de Alexandria, os bibliotecários-chefes, por seu turno, eram escolhidos pelos próprios reis. Segundo uma das listas (página oficial da Biblioteca), não absolutamente definitiva nem completa, acrescida de informações dadas por Fonseca (1992, p. 104), chefiaram a Biblioteca: Zenódoto de Éfeso, “notável gramático, responsável pela primeira edição crítica de Homero e pela *Teogonia* de Hesíodo”; Apolônio de Rodes; Eratóstenes de Cirene; Aristófanes de Bizâncio, que “organizou edições de Homero, Hesíodo, Píndaro,

Eurípedes, Aristófanes, Anacreonte”; Apolônio; Kidas; e Aristarco de Samotrácia, discípulo de Aristófanes de Bizâncio, que “com ele colaborou na edição de autores gregos.”

Há controvérsia se o substituto de Zenódoto teria sido Calímaco de Cirene. De qualquer modo, Calímaco foi seu mais importante bibliotecário e cabe-lhe um lugar particular neste esboço.

Nascido no norte da África, no início do século III a.C., Calímaco “viveu em Alexandria durante a maior parte da vida, primeiro ensinando numa escola dos arredores, depois trabalhando na biblioteca (MANGUEL, 1997, p. 219).” Passou à história como o organizador do catálogo da Biblioteca, que “sozinho ocupava uns 120 rolos” (CANFORA, 1996, p. 41). Porém, na verdade, não se tratava de um catálogo tal como o conhecemos hoje.

Cabe observar que, apesar de encararmos a catalogação como representação descritiva, e o catálogo – seu produto – como algo peculiar às bibliotecas, as palavras em grego possuem o mesmo sentido da palavra latina, da qual se derivou *classificação*. *Catálogo* origina-se do grego *Kata* – “de acordo com” ou “subjacente a” – e *logos* – “lógica” ou “razão” – ou seja, “algo de acordo com a lógica”, remetendo-nos diretamente ao latim *classificare*. Ou seja, *catalogar* e *classificar* seriam os mesmos processos, de origens diferentes, o que explica o *catálogo* de Calímaco.

Calímaco organizou grande parte do acervo por assunto, talvez se consituindo nos primórdios da localização relativa, em vez de localização fixa. Não concluiu seu trabalho, continuado por outros bibliotecários que lhe sucederam. A figura a seguir apresenta rolos indexados, por meio de etiquetas pendentes, embora não se possa dizer se a figura é real, ou parte dos mitos e fantasias tão comuns em todo material relativo a Alexandria.



Figura 3: Rolos Indexados
Fonte: Academia de Ciências Luventicus

Manguel (1997, p. 219-220) traz-nos observações interessantíssimas sobre tais catálogos, ligando-os diretamente às práticas biblioteconômicas contemporâneas e permitindo-nos chegar a inferências singulares.

Primeiramente, tome-se a divisão em assuntos, ou gêneros: teatro, oratória, poesia lírica, legislação, medicina, história, filosofia e miscelânea. A divisão temática, embora nos pareça arbitrária (e Manguel o declara), sempre se vinculou a uma visão de mundo, fosse esta uma corrente filosófica ou uma crença. Calímaco tomou como base a divisão aristotélica do conhecimento. Os modernos sistemas de classificação bibliográfica, pelos quais organizamos as bibliotecas, derivam-se da categorização do conhecimento, elaborada por Bacon (invertida por William Torrey Harris e base para a Classificação Decimal de Dewey, *apud* WYNAR, 1980, p. 406-407). A coincidência entre a categoria “miscelânea” de Calímaco e a classe 0, ou 000, dentro dos sistemas Classificação Decimal Universal e Classificação Decimal de Dewey - “Generalidades”, também se afigura muito significativa. Se tais sistemas nos parecem arbitrários - e de fato o são - isto se deve à própria corrente filosófica à qual se atrelam. Por exemplo, a grande ênfase dada à religião cristã, em especial a protestante, ou à filosofia ocidental, prende-se à formação dos responsáveis pelos sistemas contemporâneos.

Em segundo lugar, Calímaco organizou os volumes, dentro dos assuntos, em ordem alfabética. Desde então, portanto, existia a prática da organização por assuntos e alfabética por autor, dentro dos assuntos. Em terceiro lugar, utilizou estantes, ou mesas, ou tábuas -

pinakoi em grego - para a separação temática. Seus catálogos nos ficaram conhecidos como *pinakoi*. Porém, o mais marcante é o nome pelo qual nos chegaram os sistemas, usualmente denominados “tabelas”.

“Tabela” é palavra de origem latina, *tabella*, isto é, “pequena tábua”, “quadro de madeira”, derivada de *tabula*, “mesa”, “tábua”, “estante”. Assim, do grego *pinakoi*, passa-se ao latim *tabula* e a nossas *tabelas* de classificação bibliográfica, em descendência direta de Calímaco e sua forma de organização do conhecimento. Manguel (1997, p. 220-223), entre outros autores, ressalta a ascendência da Biblioteca de Alexandria, em especial de Calímaco, na organização de diferentes bibliotecas da Antigüidade e da Idade Média. Singularmente instigante é o uso de *tabulae* por Richard de Fournival, no sec. XIII (MANGUEL, 1997), naquele mesmo sentido, representando o vínculo mais estreito entre Calímaco e nossas tabelas. Quem diria hoje, em pleno século XXI, ainda sermos influenciados, com todos os nossos avanços tecnológicos, por Calímaco e a Biblioteca de Alexandria?

4 MITOS E, OU, FATOS SOBRE A DESTRUIÇÃO

Foi nesse mundo que irrompemos, bárbaros, apressados, que não fomos a destruí-lo, mas a salvá-lo em seu valor mais puro. Se alguma coisa profanaram nossas botas, é que assim é a guerra: minuto a minuto, uma impiedosa profanação. (BRAGA, correspondente de guerra, durante a II Guerra Mundial ([196?])).

A Biblioteca de Alexandria permaneceu como centro cultural do mundo até 48 a.C. Entramos agora no terreno das especulações, pois as lendas, mesmo que baseadas em fatos reais, ou parcialmente reais, ou totalmente ilusórios, despertam mais interesse do que a verdade. Há diferentes teorias sobre a destruição da biblioteca.

A primeira delas trata do incêndio ocasionado, voluntária ou involuntariamente, por Júlio César. Pode-se declarar que César, por amor a Cleópatra, tomou seu partido, na luta desta contra seu irmão Ptolomeu XIII, pelo reino do Egito. Pode-se também crer que, estrategicamente, Alexandria fosse tão valiosa, como porto, como situação geográfica, que se tornara indispensável conservá-la em mãos confiáveis. Seja qual for o motivo, entram em guerra, e Ptolomeu XIII e seus exércitos sitiaram Júlio César e o palácio ptolomaico por mar.

Para derrotar o cerco, Júlio César manda incendiar os barcos egípcios no porto. Dali, o incêndio se espalha, tendo queimado dezenas de milhares de livros da Biblioteca, ou a própria Biblioteca (dependendo da fonte narradora). O incêndio existiu, de fato; os navios egípcios se queimaram e dezenas de milhares de rolos também. Quanto ao resto da história... o paciente leitor pode escolher sua versão.

Difícilmente Júlio César, ele próprio um homem culto, permitiria a destruição dos livros. Maior é a probabilidade de que 40.000 rolos, como descrito por Sêneca (AMAN, 2001), se encontrassem armazenados no porto, aguardando transporte para Roma, e se tenham incendiado junto com os navios. Por outro lado, as construções egípcias da época se faziam em materiais resistentes ao fogo - pedra e tijolos, sem uso de madeira; donde se pode deduzir que não se queimariam facilmente. Arab (2000) contesta tal afirmativa. Com tantos documentos contraditórios, nada há que garanta ou negue, de forma definitiva, essa versão. Sabe-se apenas que a Biblioteca continuou seu percurso histórico de centro cultural do mundo por muito tempo ainda. Segundo Aman (2001), tempo suficiente para ser “destruída” também por Augusto, por Aurélio e por Diocleciano, os dois últimos no século III d.C. Já o historiador Pierre Vidal-Naquet (1989) situa a destruição no século III, durante o reinado de Aureliano, pelas tropas da rainha Zenóbia, de Palmira (atualmente na Síria).

O segundo incêndio narrado ocorreu em 391 d.C., sendo Teodósio o imperador, Teófilo, o patriarca de Alexandria, e o cristianismo, a religião oficial do Estado. O zelo de Teófilo em defesa do cristianismo o teria levado à destruição de todas as obras pagãs, assim como teria ordenado a morte de Hipácia, em 415. Para alguns, destruiu o *Serapeum* e a biblioteca “filha”; enquanto a Biblioteca maior já teria desaparecido. Para outros, o *Serapeum* transformou-se em templo cristão. De acordo com o Grupo de Cosmología y Astronomía, da Academia de Ciencias Luventicus (2002), o historiador Orósio visitou Alexandria em 415 e confirmou o desaparecimento da Biblioteca no século V. O mesmo Grupo narra a morte trágica de Hipácia, arrastada por um carro cheio de monges e queimada viva nos restos da Biblioteca. Nada impossível, mas onde estará a verdade?



Figura 4: Hipácia
Fonte: Academia de Ciências Luenticus

O terceiro incêndio, o mais pitoresco, reflete nosso preconceito ocidental. Imputado a Amr Ibn al-As, conquistador de Alexandria em 642, alude à seguinte história. O guerreiro teria perguntado a seu califa, Amr Ibn al-Khattab, o que fazer com os livros da Biblioteca, respondendo este: “Se o que estiver escrito nos livros concordar com a palavra de Deus [Alá], não são necessários; se discordar, não são desejáveis. Então, os destrua.” (AMAN, 2001). Cãnfora (1996, p. 80-93) descreve longamente o episódio, dedicando-lhe um capítulo inteiro de seu livro. Mas, para a aceitação dessa narrativa, faltam alguns esclarecimentos:

- por que, dos textos produzidos ou guardados em Alexandria, parte nos chegou através dos árabes, traduzidos em língua árabe?
- como explicar a discrepância entre a narrativa de Orósio, que considera 415 o ano final da Biblioteca, e a conquista árabe em 642?
- como conciliar o altíssimo desenvolvimento científico e tecnológico dos árabes, àquele tempo, com uma visão fanática e ignorante?

À guisa de remate, vale lembrar uma historieta contada por Manguel (1997, p. 221):

No século X, por exemplo, o grão-vizir da Pérsia, Abdul Kassen Ismael, para não se separar de sua coleção de 117 mil volumes quando viajava, fazia com que fossem carregados por uma caravana de camelos treinados para andar em ordem alfabética.

Não se trata de postura bibliofóbica, pelo visto... Ademais, a cidade já havia perdido sua condição de capital do Egito, embora guardasse importância como porto e centro comercial.

A última versão, mais prosaica, recolhida por Aman (2001), levanta uma causa unicamente econômica. Ptolomeu VI teria cortado o suprimento de papiro à Biblioteca de Pérgamo. O rei de Pérgamo, assim, buscou um novo tipo de suporte para os registros, aperfeiçoando a técnica de curtimento do couro (de cabra ou carneiro) e concebendo o pergaminho, muito mais durável. O novo material possibilitou a criação dos primeiros códices, mais práticos do que os rolos de papiros. Alexandria não estava em condições de mudar todo seu acervo - manuscrito - e entrou em declínio.

Edmondson, em documento para a Unesco sobre a salvaguarda da herança documentária (2002, p. 2), lista como causas de risco a este patrimônio:

- decomposição natural dos materiais, nos quais se registram as obras (caso do papiro, altamente perecível);
- calamidades naturais, como enchentes e incêndios;
- desastres causados pelo homem, como pilhagens, acidentes ou guerras (aos quais se poderiam acrescentar as lutas internas, causadas por fanatismo, ignorância, disputas de poder e de bens);
- deterioração gradual, resultado da ignorância ou negligência humanas na preservação.

A Biblioteca de Alexandria, como nossas modernas bibliotecas, provavelmente sofreu - mais de algumas e menos de outras - de todas essas causas, até mesmo por sua longa permanência na história: ao todo, cerca de seis séculos. Deixou-nos uma herança indelével, um exemplo a ser seguido, de busca do conhecimento e tolerância. Certamente o homem moderno tem muito a aprender das lições de Alexandria. Por isso, o grande esforço da Unesco, juntamente com o governo egípcio, durante mais de uma década, para o reflorescimento daquele centro cultural e de pesquisa.

5 A NOVA BIBLIOTHECA ALEXANDRINA

A partir de 1986 iniciaram-se os estudos para a nova Biblioteca, em esforço internacional conjunto, encabeçados pela Unesco e pelo governo egípcio.

“Em 26 de junho de 1988 o presidente do Egito, Hosni Mubarak, assentou a pedra fundamental para a Bibliotheca Alexandrina, em área de cerca de 32.500 m², adjacente ao campus principal da Universidade de Alexandria [...]”, um mirante sobre o mar (AMAN, 2001).

Em setembro do mesmo ano, a Unesco e a União Internacional de Arquitetos, com financiamento do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas, estabeleceram um concurso internacional de arquitetura, para o projeto da nova Biblioteca. Dos mil trezentos e vinte e quatro pedidos de participação, por arquitetos de setenta e quatro países, concorreram quinhentos e vinte e quatro projetos, de cinquenta e oito países. Venceram o concurso, em primeiro lugar: Snohetta Arkitektur Landskap, Oslo, Noruega (projeto executado). Em segundo lugar: grupo Manfredi Nicoletti, Roma, Itália. Em terceiro lugar: José Eduardo Ferolla e equipe, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.



Figura 5: Bibliotheca Alexandrina, vista do cais
Fonte: www.unesco.org

Grunberg (1998) e Tocatlían (2003) descrevem as críticas e o ceticismo internacionais, envolvendo as diferentes etapas da construção. De início, intelectuais e jornalistas egípcios se opuseram ao projeto, questionando “a necessidade de tal biblioteca, levantando objeções relativas a seu custo, seu projeto e sua finalidade” (TOCATLIAN, 2003.). Grunberg (1998)

analisa o ceticismo internacional, em se tratando de projeto de tal envergadura. Apesar de todas as objeções e dificuldades, graças a suportes financeiro e intelectual internacionais, aos esforços dos responsáveis pelo projeto, na Unesco e no governo egípcio, hoje a Biblioteca lá está. Grunberg (2003), adequadamente, diz não se tratar de um renascimento, posto que a atual Biblioteca em nada se assemelha à antiga, mas de uma revivescência, um *renouveau*. No local do palácio dos Ptolomeus e da antiga Biblioteca, cria-se o novo, o moderno, uma Biblioteca ao mesmo tempo pública e de pesquisa.

O conceito do projeto se constitui em um círculo, representando o sol, tão importante na mitologia egípcia e, ao mesmo tempo, o símbolo do que ilumina e aquece o mundo e os homens. A construção é circundada por um muro, em forma de meia-lua, com inscrições de letras em alfabetos de cento e vinte idiomas.



Figura 6: (Inscrições em diferentes alfabetos)

Fonte: www.unesco.org

Figura 7: Maquete do projeto

Fonte: www.unesco.org



O texto de Serageldin (2001), diretor-geral da Biblioteca, traz seu programa, citando as palavras da esposa de Mubarak:

- será a janela do mundo para o Egito;
- será a janela do Egito para o mundo mediterrâneo e para o mundo em geral;
- florescerá com o desafio das novas oportunidades tecnológicas do novo milênio e a aurora da era digital; e por último, porém não menos importante,
- será o centro pujante de estudo e debate e o eixo do diálogo intercultural e intercivilizacional.

Abdelhady (2003) aponta como objetivo maior: “Honrar o passado, Celebrar o presente e Inventar o futuro.”

Do ponto de vista organizacional, a Bibliotheca Alexandrina é uma entidade autônoma, vinculada diretamente ao Presidente da República do Egito (TOCATLIAN, *op. cit.*). Gerenciam-na: um Conselho de Patronos (presidido pelo Presidente do Egito e do qual fazem parte, entre outros membros, o Diretor-Geral da Unesco, o Presidente da França e a Rainha da Espanha), um Conselho de Curadores e um Diretor-Geral.

O complexo cultural é formado por três elementos: um centro de conferências, que já existia, o novo Planetário e a nova Biblioteca, todos subterraneamente interligados. Compreende:

- a Biblioteca, com cerca de 69.000m², em onze andares, e que consiste de: Biblioteca Principal, Biblioteca de Multimeios, Biblioteca “Taha Hussein” para deficientes visuais, Biblioteca Juvenil e Biblioteca Infantil; ainda abarca as seguintes salas de Leitura: de Microfilmes, de Manuscritos, de Obras Raras. Prevê um acervo de até oito milhões de volumes (no momento, há cerca de 400.000).



Figura 8: Salões de leitura - Foto de Mohamed Nafee

Fonte: <http://www.bibalex.org>

- Museus: o próprio Planetário, abaixo do qual se encontra o Museu de História das Ciências, e o Museu de Manuscritos. Ainda se prevêem: o Museu de Antigüidades e o Museu de Ciência Exploratória, destinado ao público infanto-juvenil;



Figura 9: Planetário e Museu de Ciências - Foto de Mohamed Nafee

Fonte: <http://www.bibalex.org>

- Galerias Permanentes e de Exposições Itinerantes. Já se acham em funcionamento: a Galeria de Impressões de Alexandria e a Galeria “O Mundo de Shadi Abdel Salam”, artista e cineasta egípcio.
- outros organismos: Escola Internacional de Estudos em Informação, Instituto de Caligrafia, Laboratório de Restauração de Manuscritos e cinco institutos de pesquisa;

- Centro de Conferências, com 3.200 lugares.

Muito interessante a organização do acervo, por andares, simbolizando uma pirâmide do conhecimento, a partir da Classificação Decimal de Dewey:

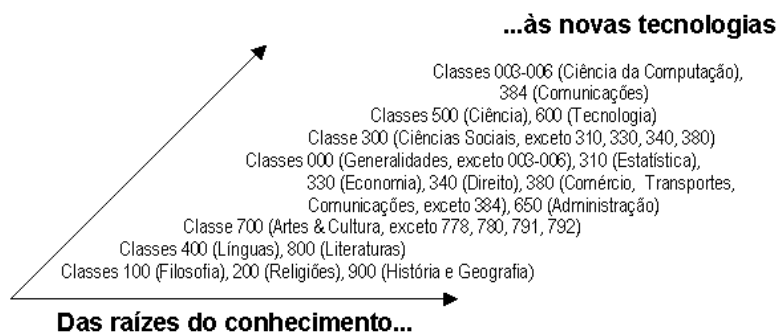


Figura 10: Organização do acervo nos andares

Fonte: Abdelhady (2003)

Novamente, devemos aprender, com Alexandria, uma forma diferente de visualizar o conhecimento.

“Egito, a mais antiga civilização permanente na Terra, é fonte de contínua inspiração e interesse para o mundo” (SERAGELDIN, 2001).

Por sua importância estratégica, o Egito sofreu várias invasões e foi objeto de inúmeras disputas, até sua independência completa, ocorrida somente no século XX (cf. *The History of Alexandria across the ages*). Perdeu tesouros históricos para museus de todo o mundo, mas conseguiu preservar sua cultura e muitos de seus monumentos, em meio à diversidade que o caracteriza.

Porta, ou janela, como diz seu programa, entre o Oriente e o Ocidente, entre os hemisférios norte e sul, ao reflorescer sua Biblioteca, quer também reviver seu espírito, unindo passado e futuro. Pretende tornar-se um *locus* de pesquisa, de preservação do saber e de diálogo. Não há lugar nem momento mais adequados.

Quando se tenta, novamente, a imposição de um pensamento hegemônico, de modelos únicos, de visão singular do mundo, seja pela força da barbárie, seja pela força econômica, seja pelos mecanismos sutis da indústria cultural, a Bibliotheca Alexandrina deve propiciar, tanto ao Ocidente como ao Oriente, a oportunidade de conhecer mais um ao outro, compreendendo-se mutuamente. A compreensão é a primeira etapa da aceitação e da paz. Para Adorno (1995, p. 184) “paz é um estado de diferenciação sem dominação, no qual o diferente é compartilhado”.

A Bibliotheca Alexandrina, por tudo isso, torna-se o moderno símbolo da coexistência, da união de esforços e da paz.



Figura 11: Bibliotheca Alexandrina - Foto de Mohamed Nafee
Fonte: <http://www.bibalex.org>

REFERÊNCIAS

ABDELHADY, L. Research for all at the Bibliotheca Alexandrina. In: GENERAL CONFERENCE AND COUNCIL, 69., 2003, Berlin. **World library and information congress**. Disponível em: <<http://www.ifla.org>>. Acesso em: set. 2003.

ACADEMIA DE CIENCIAS LUVENTICUS. Grupo de Cosmología y Astronomía. **La biblioteca de Alejandria** : pasado y presente 2002. Disponível em: <<http://www.luventicus.org>>. Acesso em: 18 ago. 2003.

ADORNO, T. W. **Palavras e sinais: modelos críticos** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. ISBN 85-326-1431-0.

AMAN, M. M. **The new bibliotheca Alexandrina**: a link in the historical chain of cultural continuity. 2001. ISBN 1050-8147. Disponível em: <<http://www.slis.uwm.edu/SLIS/Biliotheca%20book.htm>>. Acesso em: set. 2003.

ANDRADE, C. D. Imagem de matança: contra. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, [196-?].

ARAB, S. M. **The ancient library of Alexandria and the re-built of modern one**. c2000. Disponível em: <<http://www.arabworldbooks.com/bibliothecaAlexandrina.htm>>. Acesso em: 2 set. 2003.

BIBLIOTHECA **Alexandrina**: on the ancient library. [2002?]. Disponível em: <<http://www.bibalex.org>>. Acesso em: 4 set. 2003.

BIBLIOTHECA **Alexandrina**: the history of Alexandria across the ages. [2002?]. Disponível em: <<http://www.bibalex.org>>. Acesso em: 4 set. 2003.

BRAGA, R. Guerra. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, [196-?].

CANFORA, L. **A biblioteca desaparecida**: histórias da biblioteca de Alexandria. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

EDMONDSON, R. **Memory of the world**: general guidelines to safeguard documentary heritage. Rev. ed. c2002. Disponível em: <<http://www.unesco.org>>. Acesso em: fev. 2002.

FONSECA, E. N. da. **Introdução à biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, c1992. (Manuais de estudo)

GRUNBERG, G. Bibliotheca Alexandrina: à mi-parcours. **Bulletin des bibliothèques de France**, Paris, v. 43, n. 4, 1998. Disponível em: <<http://www.bbf.enssib.fr>>. Acesso em: fev. 2003.

JACOB, Christian. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, M.; JACOB, C. (Org.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2000. p. 45-73.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SAGAN, C. **Cosmos**. [S.l: s.n., 198-?]. Série de programas de televisão, apresentada no Brasil pela rede Globo.

SERAGELDIN, I. **The bibliotheca Alexandrina**: the new library of Alexandria cultural complex. 2001. Disponível em: <<http://www.serageldin.net/frameBibalex.htm>>. Acesso em: 5 set. 2003.

TOCATLIAN, J. **Biblioteca Alexandrina**: the revival of an idea. [2003?]. Disponível em: <<http://www.unesco.org>>. Acesso em: 10 set. 2003.

UNESCO. **Bibliotheca Alexandrina**: facts and figures. 2003. Disponível em: <<http://www.unesco.org>>. Acesso em: 10 set. 2003.

VIDAL-NAQUET, P. Um historiador e a busca da biblioteca de Alexandria. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 out. 1989.

Wynar, B. S. Introduction to cataloging and classification. 6th. Ed. Littleton: Libraries Unlimited, 1980.

Eliane Serrão Alves Mey

Mestre em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade de Brasília, Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, professora do Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal de São Carlos.

e-mail: elimey@terra.com.br

Agradecimentos: Mais uma vez, agradeço a contribuição desinteressada e profissional de minha amiga Marília Ludgero Motta da Silva, grande revisora, desta vez com o auxílio inestimável de Sidney Barbosa, professor de Letras da UNESP/Araraquara e coordenador de nosso Grupo de Pesquisa. Ambos foram incansáveis na busca em tornar este artigo mais agradável à leitura. Chloë Ariadne Furnival auxiliou na versão do resumo para o inglês.

Artigo aceito para publicação em: 01/11/2003